



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 7, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.21>

Recebido em: **31/08/2020**

Aprovado em: **02/09/2020**

O NASCIMENTO DE UM PROFESSOR DE QUÍMICA QUE NÃO TEVE AULAS DESSA DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO BÁSICA; THE BIRTH OF A CHEMISTRY TEACHER WHO HAS NOT TAKEN CLASSES FROM THIS DISCIPLINE IN BASIC EDUCATION; EL NACIMIENTO DE UN PROFESOR DE QUÍMICA QUE NO HA TOMADO CLASES DE ESTA DISCIPLINA EN EDUCACIÓN BÁSICA

GUSTAVO HENRIQUE LEMOS DE SOUZA  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-7314-4684](https://orcid.org/0000-0002-7314-4684)

## **RESUMO**

Nesse trabalho, apresentamos a narrativa autorreflexiva actancial de Gustavo, que se tornou professor de química mesmo não tendo aulas dessa disciplina no ensino básico. Filho de pedreiro e doméstica, ambos analfabetos funcionais, ele, que sempre estudou em escolas públicas precárias, precisou desenvolver o ofício de estudante, o que aconteceu quando fez um curso técnico em um instituto federal. Com isso, conseguiu desenvolver o hábito de estudar e concluiu a graduação em Química/Licenciatura, além de ter sido aprovado em concursos públicos, dentre eles o de professor de química, o qual ele leciona com muito prazer. Assim, para entender como esse fenômeno ocorreu, foi usada proposta de narrativa de Greimas (1986), que considera vários aspectos da história como: destinatários, missão, oponentes, sanção e etc.

Palavras-chave: Narrativa, Actancial, Professor de química.

## **ABSTRACT**

In this work, we present Gustavo's self-reflective narrative, who became a chemistry teacher even though he did not have classes in this discipline in basic education. Son of bricklayer and housekeeper, both functionally illiterate, he, who always studied in precarious public schools, had to develop the student profession, which happened when he took a technical course at a federal institute. With this, he managed to develop the habit of studying and completed his degree in Chemistry / Licenciatura, in addition to having been approved in public competitions, among them the professor of chemistry, which he teaches with great pleasure. Thus, in order to understand how this phenomenon occurred, a narrative proposal by Greimas (1986) was used, which considers various aspects of the story such as: recipients, mission, opponents, sanctions, etc.

Keywords: Narrative, Actancial, Chemistry teacher.

## **RESUMEN**

En este trabajo presentamos la narrativa autorreflexiva de Gustavo, quien se convirtió en profesor de química a pesar de que no tuvo clases en esta disciplina en la educación básica. Hijo de albañil y ama de llaves, ambos funcionalmente analfabetos, él, que siempre estudió en precarias escuelas públicas, tuvo que desarrollar la profesión de estudiante, lo que sucedió cuando hizo un curso técnico en un instituto federal. Con esto, logró desarrollar el hábito de estudiar y completó su licenciatura en Química / Licenciatura, además de haber sido aprobado en concursos públicos, entre ellos el de profesor de química, que imparte con mucho gusto. Así, para entender cómo ocurrió este fenómeno se utilizó una propuesta narrativa de Greimas (1986), que considera diversos aspectos de la historia como: destinatarios, misión, opositores, sanciones, etc.

Palabras Clave: narrativa. Actancial. Profesor de química.

## 1. INTRODUÇÃO

A ascensão social tende a ser um processo desejado por muitos indivíduos nas mais variadas sociedades através do tempo e tentado das incontáveis formas. No século XXI, com a relativa estabilidade social existente nos países ocidentais, principalmente, a mudança de estatuto social pode ocorrer através dos estudos. Esse tipo de variação é mais notório em nações em desenvolvimento como o Brasil.

Em princípio, com a influência do meio, os pais tendem a traçar um plano para os seus filhos, o qual almeja a mudança social da sua prole. Essa projeção é chamada por Gaulejac (2014) de projeto parental, o qual visa proporcionar aos filhos um norte sobre o que ser na vida. Além disso, as variáveis que influenciam os indivíduos nessa etapa da vida advém do que Bourdieu (2004) chama de *habitus*, que podem ser entendido como o conjunto de estímulos através de símbolos e comportamentos de determinado meio comunitário o qual o indivíduo está exposto desde a sua infância.

Nesse contexto, a ascensão de um indivíduo através dos estudos pode se dar dependendo do nível de relação ao saber que ele possua. Bernard Charlot (2005) argumenta que essa relação se dá levando-se em consideração a maneira como o estudante se relaciona com o mundo e com o outro, de maneira geral. Dessa forma, pode-se extrair que para essa mudança social ocorrer é necessário uma eficiente relação com o saber e comprometimento por parte do aluno. Essa o auxiliará no convívio com as etapas as quais ele necessita interagir para se formar e conseguir chegar no objetivo almejado.

Enquanto isso, Coulon (2017) observa detalhes do processo de adaptação a nova classe social. Esse processo é chamado pelo autor de afiliação e no caso de estudantes universitários se dá por aprender o ofício de estudante. Isso pode ocorrer, quando o indivíduo passa por seguidas etapas que o incluem no novo grupo. Para isso, o indivíduo começa a se separar do grupo social a qual pertencia, em seguida, passa por um processo de não pertencimento aos grupos atual e anterior. Por fim, ele passa a aprender os símbolos, normas e comportamentos do novo grupo, o que é o estágio de afiliação.

Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo observar como um indivíduo de e um ambiente com pouca relação com o saber se tornou professor. Para isso será feita uma Narrativa Autorreflexiva Actancial como a proposta por Xypas (2019), o qual adaptou elementos trazidos por Greimas (1986). Essa narrativa se focará na história de Gustavo, o qual tem 30 anos e se tornou professor de química concursado mesmo sem ter tido professores dessa disciplina no ensino básico. Além disso, ingressou no mestrado acadêmico apesar de seus pais serem pessoas de pouco capital financeiro e cultural – o pai é pedreiro e a mãe dona de casa, ambos oriundos da zona rural do interior de Pernambuco.

Portanto, ao se ponderar a baixa probabilidade de um indivíduo filho de pais analfabetos funcionais conseguir se tornar professor, o questionamento norteador desse trabalho surge: como um filho de pedreiro conseguiu se tornar professor de química concursado e chegar ao mestrado, mesmo sem ter tido aulas de ciências no ensino básico.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A mudança de classe social tende a ser um processo desgastante para o indivíduo. Esse fenômeno é amplamente discutido e pesquisado na acadêmica científica – fato que é percebido nos estudos de autores. Normalmente, o indivíduo começa a interagir com sua realidade e aprender valores e comportamentos do grupo a que pertence. Essa aprendizagem garante que compartilhe das mesmas práticas e símbolos para que seja um membro do grupo (COULON, 2017). Nesse contexto, ele é

exposto ao projeto parental idealizado pelos seus pais, o qual busca traçar um objetivo para o filho. Assim, é gerada uma expectativa pelos envolvidos em como deve ser a vida dele, contudo esse processo pode ser traumático, quando há algum tipo de ruptura ou ascensão social por parte do filho, principalmente. Contudo, os pais também encaram o processo de maneira desagradável, já que têm o receio de que o filho ao alcançar seus objetivos se torne uma pessoa desconhecida a eles (GAULEJAC, 2014).

Em adição, Gaulejac (2014) expressa que projeto parental, quando exposto ao filho, tende a gerar inúmeras contradições as quais ele precisa lidar no decorrer de sua vida. Isso porque os pais tendem a projetar nos filhos um caminho a ser seguido, com algum objetivo final a ser atingido, e, esse futuro, tende a ser uma forma a qual os próprios pais gostariam de ter vivido, no entanto, por suas condições à época, não conseguiram. De todo modo, o projeto parental serve de impulso para o filho interagir com a vida, mesmo que a partir de certo momento isso comece a pesar negativamente sobre ele e gere algum grau de desconforto. Nesse sentido, o autor destaca que muitas vezes esse projeto parental já é fruto do que os avós projetaram sobre os pais do indivíduo.

Assim, o indivíduo tende a enfrentar um intenso conflito psicológico como destaca o autor (Gaujelac, 2014, p. 42): “De um lado, ele expressa uma atitude preventiva face ao temor da repetição, de outro, uma atitude de resignação em face da reprodução social que se impõe de geração em geração”. Soma-se a isso, o fato de que o nível de aspiração por parte dos pais está diretamente relacionado com o nível social o qual conseguiram atingir, sendo que idealizam sempre um nível acima do deles para os filhos, muito por conta de ser o qual eles possuem contato. Além disso, o status social de uma determinada função está presa ao seu espaço/tempo, podendo ser entendida com diferentes pesos em momento diferentes.

Nesse sentido, tanto o filho quanto os pais, lidam com conclusões que se colidem: ou o filho se torna igual a eles ou se torna diferente – as duas alternativas podem ser incômodas. Isso ocorre porque na expectativa de que o filho não seja como eles, normalmente, está relacionada com a visão de que a vida deles não é boa o suficiente – o que os faz ter a compreensão de que ser alguém é ser diferente deles, socialmente. Por outro lado, a medida que o filho consegue traçar o caminho planejado, segue os passos e se torna o que eles idealizaram, há o desconforto de que ele tenha se tornado diferente demais deles, podendo nem mesmo ser alguém que conviva ou até mesmo socialize mais com sua realidade anterior. Com isso, é citada a mudança no meio rural para o urbano, ou dificuldades com fechamentos de setores econômicos em que a família atuava por várias gerações. Nesse ponto, a relação conflituosa se dá por conta que o projeto parental foi idealizado para um contexto social diferente do vivido, na situação atual (GAULEJAC, 2014).

Com isso, é flagrante o conflito que pode ocorrer, onde o indivíduo se vê em uma situação a qual sua individualidade está sendo suprimida para se adaptar a uma idealização de outros. Mas, é evidente e essencial o reconhecimento de que parte da própria individualidade ocorreu por conta do contato com os diversos fatores os quais o projeto parental permitiu o acesso: condições para o sucesso social, modelo, ideologias, etc (GAULEJAC, 2004/2005).

Soma-se a isso, a teoria trabalhada por Bourdieu (2004) e Bourdieu e Passeron (2013), os quais trazem conceitos muito importantes para a análise do desempenho escolar de um indivíduo: *illusio*, *habitus*, *ethos* e capital cultural. Isso porque a interação com o meio escolar depende de tudo o que o aluno foi exposto e o moldou antes e concomitante desde sua infância. Nesse sentido, a *illusio* se refere ao entendimento do mundo e do meio em que se está inserido levando a pessoa a seguir o caminho da ascensão social, desejado pelo contexto. E essa ideia é resultado do capital cultural dos pais, o qual tende a oferecer os recursos disponíveis para necessária compreensão de como se deve se relacionar com o mundo e o modo de alcançar o objetivo. Já o *habitus* é o conjunto de símbolos e comportamentos herdados e praticados pelo grupo de referência mais próximo do indivíduo – seja o familiar o algum outro comunitário. Além disso, há o *ethos* que figura como a proposição de futuro a ser vivido, que é originado do sentido paterno até os filhos.

No que diz respeito a realidade educacional brasileira, ainda é possível observar o que Freire (1987), chama de educação bancária, principalmente nas escolas públicas. Esse conceito advém de que o professor vai para a sala de aula de deposita o conteúdo e o aluno está lá para recebe-lo. Já que, como o conteúdo é apenas exposto sem relação com o cotidiano, há pouco significado e relevância atribuído pelo discente. Portanto, ele tende a não enxergar como estudar pode fazer com que a vida dele possa melhorar.

Em meio a isso, Gaulejac (2014) destaca o exemplo da visão do proletariado, na qual os pais desejam que o filho possa ter a oportunidade de acessar um status social mais elevado, contudo esperam que ele continue sendo solidário a causa proletária e enfrente os burgueses, na contemporânea luta de classes. O conflito se dá, no momento em que para o filho poder ter uma vida melhor ele precisaria de alguma forma se tornar um burguês – fato que ocorreria com a mudança na classe social. Assim, como salienta o autor, o sentimento de culpa tende a permear o filho, visto que se torna um problema para ele conseguir cumprir o papel que os pais esperam – o que pode levar ao surgimento de ressentimentos, por parte dos pais. Esses argumentos vão no mesmo sentido do paradoxo que Paulo Freire (1987) trata em Pedagogia do oprimido, onde ele discute o fato de que oprimido passa tanto tempo observando o opressor que, quando tem a oportunidade de sair da condição de oprimido apenas conclui que o que pode ser é opressor, então opressor se torna.

Nesse ponto, para mudar de estatuto social, o indivíduo passa por um intenso conflito consigo. Isso porque, ele já estava adaptado ao grupo social ao qual pertencia, ou seja, estava afiliado. Essa afiliação é bem descrita por Coulon (2017), o qual retrata que essa afiliação ao grupo social se dá através de conhecer as relações sociais detalhadamente, compartilhar símbolos do mundo e dominar a linguagem natural de convivência com os demais indivíduos. Nesse sentido, um componente eficiente do grupo é aquele que consegue interagir com o mundo de uma maneira similar a aqueles que estão a sua volta.

Isso se dá porque o grupo tende a ter categorias de símbolos e objetos que geram listas, conjuntos e coleções deles. Estes e artefatos e mais importante ainda a relação sabida que os componentes de um grupo dão a eles, mesmo sem expressar visivelmente, são o que de fato identificam que o indivíduo é participante do grupo. Além disso, essa participação necessita ser ativa, visto que é a maneira o indivíduo interagir com o meio e integrar o grupo perceptivelmente (COULON, 2017).

No que diz respeito a entrada de um indivíduo no mundo universitário, Coulon (2017) salienta que a participação em grupo anterior que não favoreça a participação do indivíduo no curso, ou seja, não desenvolver e aplicar rotinas e comprometimento necessário para a graduação, tende a gerar o fracasso escolar do indivíduo. Esse fato se tornou evidente na França quando se criou um exame para incluir as classes sociais menos favorecidas no ensino superior, em 1985. Assim, ele continua destacando que o estudante precisa mudar de estatuto social para não sofrer e ter um fracasso escolar. Portanto, para esse processo de mudança, é necessário que seja aprendido o ofício de estudante.

Além disso, há os distintos tipos de relação ao saber tratados por Charlot (2005), no que diz respeito ao aluno na escola: intelectuais (gostam de estudar e não são de origem popular), muito bem sucedidos (de origem popular e se esforçam muito no estudo), completamente perdidos na escola (aqueles que não se sentem incluídos na escola) e sobreviventes na escola (são os que se adaptam ao método escolar e não ao saber).

Entretanto, Coulon (2017) demonstra e sistematiza que o processo de afiliação nem sempre é algo tranquilo ou mesmo natural. Visto que, existem 3 tempos sucessivos para o processo de afiliação: estranheza, aprendizagem e afiliação. No tempo de estranheza, o indivíduo começa a vivenciar a separação de seu ambiente familiar ou do grupo o qual pertencia e passa a interagir com as novas rotinas apresentadas pelo ambiente universitário. Em seguida, há o tempo de estranheza, no qual o indivíduo é permeado por dúvidas, incertezas e ansiedades, visto que ele não se vê mais parte do grupo do passado e nem se percebe como parte integrante do novo grupo social. Essa parte do

processo tende a gerar diversas dores físicas e psicológicas. Por fim, há o tempo de afiliação, em que o indivíduo começa a ser integrado aos numerosos novos códigos, os quais são indispensáveis para ser parte integrante do novo estatuto social.

### **3.METODOLOGIA**

Na metodologia, será usada uma narrativa autobiográfica levando em consideração o trabalho de Greimas (1986) e proposta por Xypas (2019). Nessa proposta, é possível observar alguns elementos que são componentes inclusos nas histórias de ascensão social através dos estudos: o destinador, a missão, o destinatário, os oponentes, os adjuvantes, a competência, a performance e a sanção. Dessa maneira, é possível identificar esses elementos como importantes para a mudança de estatuto social, nas histórias narradas.

Assim, os destinadores seriam aqueles indivíduos que atribuem algum objetivo, ou seja, uma missão para um outro indivíduo o qual aceita o desafio – esse é o destinatário. Entretanto, à medida em que ele vai seguindo sua história, há o confronto com as dificuldades, que são de infinitas maneiras e, assim, podem ser consideradas como sendo os oponentes a serem vencidos. Nesse ponto, existem os adjuvantes que ajudam o sujeito a superar esses obstáculos e seguir sua missão, ou mesmo mostrando o caminho a ser trilhado para alcançar o objetivo. Dessa forma, para seguir rumo ao objetivo é necessário o desenvolvimento de competências que influenciam na maneira a qual a performance para superar as adversidades se torna eficiente e eficaz. Com isso, após atravessar tais atribuições e conseguir deixá-las para trás, o sujeito consegue enfim ter a sanção, ou seja, a conclusão da missão dada pelos destinadores no começo da história (XYPAS, 2019).

Nesse sentido, a seguir será apresentada a narrativa autobiográfica actancial a partir da proposta de Xypas (2019) e como comentários a partir do referencial teórico abordado.

### **4.NARRATIVA ACTANCIAL AUTOBIOGRÁFICA**

#### **CENÁRIO**

Meu nome é Gustavo e essa história de lutas e glórias começa com os meus avós – todos nascidos nas primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, vale ressaltar que a relação dos meus avós com o saber deve ter sido como a da maioria da população humilde de zona rural do agreste brasileiro no começo do século XX. Assim, meus avós e minha avó paterna eram analfabetos, ou seja, não conheciam nada da escrita ou leitura - apenas a avó materna era alfabetizada, mas só reconhecia palavras.

Esse era o esperado para uma realidade, onde não havia acesso à educação e como se tinha no cotidiano a necessidade de agricultura para a subsistência, não devem ter percebido como significativa a necessidade de saberem ler, visto que a maior relevância, por muitas vezes, foi conseguir comida para suas famílias, que eram numerosas como o padrão na era anterior aos métodos contraceptivos mais eficientes ( 9 pessoas na família dos avós paternos e 10 pessoas na família dos avós maternos, contando com os filhos vivos). Dessa forma, para os filhos, o projeto parental era a expectativa de que pudessem viver em condição melhor (escapar da miséria), mas não sabiam quais os passos requeridos que levariam a mudança de sua realidade e a conquista de uma vida melhor.

Com isso, apenas quando foi instalado um grupo escolar (estrutura similar a uma escola destinadas às zonas rurais – normalmente) na vila do sítio onde moravam, foi que os seus filhos (meus pais

inclusos) tiveram contato com o saber, mesmo que até a quarta série e de forma sensivelmente precária com alunos de diferentes séries e idades na mesma sala ao mesmo tempo, com um único professor. Nessa situação, meus pais estudaram até a antiga 4ª série, o que resultou no analfabetismo funcional. Visto que, como era o período de desenvolvimento econômico proporcionado pela ditadura militar originada em 1964, para o governo, era necessário que a mão de obra das indústrias soubessem ler apenas.

Nesse contexto, foi quando houve o intenso processo de migração de pessoas do nordeste para o sudeste do Brasil com o objetivo de trabalhar nas indústrias, que estavam em desenvolvimento, ainda na época da Ditadura Militar iniciada 1964 e que durou até 1985 (nessa época, já com a economia em frangalhos). Assim, meus avós (como tantos outros nordestinos da época) enviaram seus filhos para conseguirem trabalho e poderem viver melhor – escapando da luta diária contra a fome. Dessa forma, meu pai conseguiu ingressar nas indústrias e se tornar operário nas fábricas e minha mãe se tornou empregada doméstica de família de pessoas muito ricas. Foi nessa época, já próximo ao final dos anos 1980 que meus pais se casaram e me conceberam no ano de 1990 em São Paulo (SP). Entretanto, com o plano econômico do Collor e suas consequências eles perderam o emprego e retornaram para Belo Jardim (PE), no começo de 1991.

*Comentário 01:* Como discorre Gaulejac (2004), a família tende a influenciar na construção da individualidade do indivíduo. Assim, este cria sua própria identidade narrativa, com ser incluído no grupo familiar. Dessa forma, com a pouca relação ao saber de sua época e comunidade, o padrão seria que meus avós refletissem em si o ambiente em que estavam imersos.

Nesse sentido, o autor argumenta no sentido de que o projeto parental se dá basicamente pelo modo de vida que os indivíduos tem acesso. Sendo assim, como meus avós viviam afastados da cidade e o sítio em que viviam não tinha muitas pessoas e funções sociais, o traçado aos meus pais foi apenas se tornarem melhor, de maneira abstrata – talvez com acesso a mais comida para a subsistência.

Ainda é possível destacar, como destacado por Bourdieu (2004) que o *habitus* tende a influenciar a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo. Dessa maneira, pode-se observar que o modo de viver simples do avós influenciou as perspectivas dos filho, visto que não havia uma maneira clara de obter um cotidiano mais sofisticado devido ao pouco capital cultural acumulado por eles.

## 1º ATO – INFÂNCIA

Assim, comecei meu desenvolvimento já em Belo Jardim, que fica no agreste de Pernambuco. Nesse sentido, como meus pais queriam e podiam fazer com que eu estudasse – diferentemente de muitos à época que necessitavam colocar seus filhos para trabalhar e ajudar nas necessidades básicas da família -, minha educação básica se deu na década de 90 e nos anos 2000, sempre em escola pública, municipal no fundamental I e estadual no ensino fundamental II e no ensino médio, na idade correta, com apoio da minha mãe, principalmente. Isso porque, durante o ensino fundamental, meu pai era o único que trabalhava, primeiramente, como feirante e depois de pedreiro, quando aprendeu esse ofício. Assim, quando ele decidiu se dedicar a profissão de pedreiro, minha mãe assumiu as feiras, mas isso já foi na segunda metade do ensino fundamental, a partir de 2001. Destaco desse período o auxílio materno para aprender a ler – já que meu pai não tinha tempo para me auxiliar, apesar de deixar claro que trabalhava para que eu pudesse estudar, o que não era comum as crianças da comunidade em que vivíamos e entre meus primos. Dessa forma, era ela quem ajudava com as

cartilhas de escrita e no aprendizado de leitura.

Esse fato fez com que eu entrasse na alfabetização (hoje primeiro ano do ensino fundamental) já sabendo ler, o que chamou a atenção da professora e fez com que ela tivesse um carinho diferenciado por mim, por ser o único nesse nível naquele ano. Dessa forma, como saí da alfabetização lendo perfeitamente, achei pouco interessante a primeira série do ensino fundamental (focada ainda na alfabetização, principalmente por receberem alunos da zona rural, os quais não tinha os níveis pré-escolar e de alfabetização próximos). Na metade desse ano, permitiram que eu estudasse o restante do ano letivo na segunda série, pois eu reclamava muito de estudar o que eu já sabia. Entretanto, também não encontrei um nível muito avançado dificuldade e repeti essa série, no ano seguinte.

Assim como para vários outros alunos contemporâneos, meus pais sempre quiseram que eu estudasse e tiveram como máxima que eu me tornasse “alguém na vida” – este que é um bordão muito comum na nossa cultura. Contudo, por conta de seu desenvolvimento precário, ambiente comunitário desfavorável, baixa escolaridade e o momento do país (em recuperação econômica após o desastroso início do da década de 1990), o pouco capital cultural que eles possuíam não os faziam conhecer que passos ou os procedimentos, os quais eu deveria seguir para alcançar o objetivo traçado.

*Comentário 02:* Nesse trecho, também encontro referência ao trabalho do Gaulejac (2014), quando ele relata que em determinadas situações os pais não conseguem ter as condições concretas para a realização do projeto parental. De todo modo, isso serve de impulso para o filho interagir com a vida, mesmo que a partir de certo momento isso comece a pesar negativamente sobre ele gerando desconforto.

Nesse ponto, é possível observar o papel de destinadores e adjuvantes dos meus pais, visto que ambos criaram as condições que achavam suficientes para eu me tornar alguém na vida, seja por me auxiliar nos estudos ou por trabalhar e permitir que eu só estudasse. Soma-se a isso, o objeto estabelecido que foi o fato de terem o desejo que eu me tornasse alguém na vida.

Além disso, há professora da alfabetização, que me tratou com carinho, pode ser considerada um adjuvante, pois esse tratamento me fazia entender como valoroso ser estudioso. Com isso, eu tendia a repetir o comportamento.

O bordão “se tornar alguém na vida” pode ser uma *illusio*, como destacado por Bourdieu (2004). Visto que, era o ideal a ser almejado traçado pelos meus pais.

## 2º ATO - ADOLESCÊNCIA

O período da educação básica, no ensino Fundamental II (da quinta à oitava série, na época), estudei em escola pública estadual do bairro em que eu morava. Nesse período, ainda fui destacado como o melhor aluno da sala. Isso era fruto de que a maior parte dos outros alunos não se importavam com o estudo de maneira alguma, muitos iam a escola por conta da merenda, pois no começo dos anos 2000 a situação de miséria era mais dramática do que em 2020. Entretanto, por mais que eu fizesse as atividades, essa atitude nunca foi por gostar de estudar, mas sim por entender que essa era minha responsabilidade – fala reproduzida diversas vezes por meus pais – ou pela manutenção do reconhecimento de estudioso. Nesse ponto, era evidente o conflito entre a importância que meus pais diziam que o estudo tinha e o que eu vivenciava, pois na escola não havia perspectiva alguma de

como pudesse haver mudança. Isso era comum para os demais alunos da época.

Soma-se a isso o fato de que também nenhum professor do ensino fundamental ou do médio mostrou algum caminho para alcançar o tal objetivo de ser alguém na vida. Isso, possivelmente deve ter ocorrido porque não haviam grandes expectativas para alunos pobres que frequentassem a escola pública, pois a cidade só possuía faculdade com cursos pedagógicos e, poucos tinham dinheiro para pagar ou estudar.

No ensino médio, fui estudar em uma escola pública estadual no centro da cidade, pois a do meu bairro não oferecia esse nível. Contudo, faltaram professores de maneira recorrente nos 3 anos, principalmente de matemática, biologia, física e química. Com isso, não desenvolvi interesse por ciências nessa época. Além disso, a infraestrutura era péssima – algo recorrente nas escolas públicas. Dessa forma, o cotidiano escolar e comunitário produziram uma ausência de incentivo da comunidade escolar para fazer curso superior ou mesmo como funcionavam os processos seletivos, o ENEM ou os programas de inclusão do governo federal à época. Além disso, em nenhum momento, ouvi qualquer menção a existência de Universidades Públicas. Assim, a única ideia era que para fazer faculdade precisaria ter dinheiro suficiente para pagar a mensalidade.

Nessa realidade, meus pais também desconheciam a existência de universidades públicas (quando terminei o ensino médio já existiam a UPE e a UFPE em Caruaru, sou de Belo Jardim, um município vizinho), o que os fazia repetir que não tinham como pagar uma faculdade particular, que exceto a faculdade de Belo Jardim, as mais próximas eram as de Caruaru. Além disso, mesmo que soubessem, não havia dinheiro para a passagem ou a manutenção em Caruaru, o que afastaria a possibilidade, visto que não sabia dos auxílios disponibilizados pela UFPE. Assim, como tantos outros que viveram realidade semelhante a minha, a expectativa era apenas ser maior de idade para conseguir um trabalho qualquer, ou, no melhor dos casos, trabalhar na Moura – a maior empresa da cidade.

Nessa época, uma variável relativamente importante para o futuro ocorreu. Em 2008, houve um concurso público para Agente de Endemias na cidade. Com isso, eu participei da seleção e consegui assumir o cargo pouco tempo depois de completar 18 anos. Esse fato se tornou relevante para o futuro, pois era um emprego que apesar de pagar um salário mínimo, garantia uma estabilidade que era uma grande coisa, pois havia a crise econômica mundial 2008, que causou grande desemprego. Além disso, ele tinha uma jornada de menos de 4 horas diárias, na maior parte dos dias. Essa quantidade de horas trabalhadas eram boas, já que o melhor emprego privado para alguém sem qualificação seria ser operário na indústria de baterias da cidade, que pagava um pouco mais, contudo com jornada de trabalho de 8 horas (esse emprego era o mais cobiçado pelos jovens recém saídos do ensino médio que não tinham perspectiva de situação melhor). Com essas condições, eu tive tempo disponível e estabilidade de trabalho além de complementar a renda dos meus pais na casa. O que abriu caminho para o próximo capítulo.

*Comentário 03:* Nesse ponto, pode-se observar o papel de adjuvantes dos meus pais, minha mãe ao sempre estar presente no início da minha vida escolar e meu pai por trabalhar muito para que eu pudesse apenas estudar. Assim como, é possível ressaltar o papel de oponente que a escola pública tinha à época.

Paralelamente, é possível observar pela classificação da relação de saber dos alunos na escola de Charlot (2005) que eu me enquadraria como um aluno “sobrevivente a escola”. Isso porque, durante o ensino básico estudava apenas o suficiente para a aprovação. Como o autor ressalta, é uma realidade comum a alunos do meio popular.

Nesse sentido, o trabalho formal em uma empresa poderia ser o que Gaulejac (2014) chama como a posição social superior à que meus pais estavam, pois meu pai era pedreiro e minha

feirante – ambos tiveram experiências formais na vida, mas sempre viveram sem contar com dinheiro garantido por salários. Nesse ponto, eu posso considerar como o ápice do projeto parental na perspectiva dos meus pais.

Além disso, o emprego formal e estável que eu conquistara era algo de grande valor para eles e para o meu contexto comunitário, que sofria com o desemprego. Aqui seria a sanção de ter conseguido a situação melhor a qual meus pais nunca tiveram.

### **3º ATO – CURSO TÉCNICO**

No fim de 2008, ocorreu o ponto de virada (ruptura) em minha vida. Esse aconteceu, quando decidi fazer um curso técnico de informática no IFPE (destaco aqui que esse instituto oferecia ensino médio público de qualidade, no entanto na minha comunidade ninguém tinha conhecimento dessa oportunidade), o qual fiquei sabendo da existência por conta dos meus amigos de trabalho. Assim, passei para a turma de 2009 e comecei a cursar. Havia uma dificuldade à época que era a distância e o horário do curso. O IFPE fica a mais de 5 KM de onde eu residia e não havia transporte, então eu tinha que ir a pé. Além disso, o curso era noturno e, quando eu largava de 22:00, chegava em casa por volta das 23:00, que era a quantidade de tempo necessária ao percurso.

Nessa época, o trabalho conseguido no concurso público contribuiu para meus estudos, pois por conta dele consegui comprar um computador no começo de 2009, o qual era imprescindível para o curso e era algo inédito em minha comunidade. Se eu não tivesse conseguido esse emprego, meus pais não teriam condição de comprar um, o que inviabilizaria a minha permanência no curso. Outro fator foi que não sobrava recursos para colocar internet no computador e, por muitas vezes, fiz todo o percurso até a escola e, quando cheguei não havia aula pois tinha sido avisado no grupo das disciplinas, os quais eu não tinha como acessar de casa. Além disso, eu não conseguia pesquisar os conteúdos além do que era passado na sala de aula ou o que pesquisava durante as aulas. Esse fato, só mudou no final do ano inicial, quando eu consegui colocar internet e suprir parte da dificuldade e correr atrás de quase um ano sem estudar como eu gostaria e deveria.

Ao começar a estudar me senti encantado por conta da estrutura que a escola possuía, pelo desempenho dos meus colegas - que muitos eram melhores que eu, fato que ainda não tinha vivenciado -, pelos professores (muitos eram mestres, tinham grande conhecimento e boa didática), pelo conteúdo (que era algo que me interessava) e pelo prazer que foi estudar para saber (algo feito pela primeira vez na minha vida).

Com isso, muitos professores do curso serviram de inspiração, por suas histórias – alguns de origem humilde -, de seus conhecimentos – eram as pessoas mais inteligentes que eu havia conhecido. Muitos conselhos e incentivos foram importantes para entender como o mundo funcionava e quais seguir para alcançar a ascensão social. Nesse momento, entendi o que é “alguém na vida” e como de fato eu poderia tentar ser esse bordão.

Além disso, o convívio com os demais discentes que cursavam Informática era bastante enriquecedor, pois a maioria estava sempre muito engajada com as aulas, as atividades passadas, discussões no campo de estudo e que o ultrapassavam, além disso havia o compartilhamento das perspectivas de melhorar a vida. Isso foi tratado como um leque de possibilidades, as quais eu nunca tive contato no ensino médio, já que além da ausência de perspectiva passada pelos professores, os discentes também não tinham objetivos. Soma-se a isso, os discentes dos demais cursos, muitos em internato na escola e garantiam uma convivência fantástica, seja por engajamento nos próprios cursos com suas expectativas ou pela troca experiências que ajudaram muito no amadurecimento.

Finalmente, concluí o curso em 2011 – era previsto para ser em 2010, mas problemas na readequação da estrutura curricular do instituto (que passava a ser IFPE) e em disciplinas reprovadas que precisei

cursar novamente. Em resumo, posso dizer que essa foi a época onde descobri como a vida funcionava, tanto os professores e a instituição quanto os demais discentes proporcionaram uma vivência enriquecedora.

Nessa época, descobri a existência da UFPE e decidi prestar vestibular, pois a vida acadêmica e científica foi algo que começou a me interessar muito. Em primeiro momento, a vontade era continuar a estudar informática, pois havia me proporcionado muito prazer nos 2 anos anteriores e que eu acreditava ser uma oportunidade para o futuro. Entretanto, não havia esse curso nas universidades públicas de Caruaru no período noturno. Dessa forma, nos outros lugares e horários era impossível minha manutenção financeira, pois eu precisaria deixar o trabalho, o que inviabilizou, visto que eu ajudava em casa - mesmo com os importantes auxílios que a universidade proporcionava à época.

*Comentário 04:* Aqui também saliento o caráter de oponente a distância de localização da escola e horário, que inviabilizaria a participação no curso, caso não houvesse uma grande vontade de continuar, participar e me formar. Soma-se a isso, a dificuldade financeira se mostrou um sério oponente. Isso porque, como não era possível colocar internet tive dificuldades de comunicação e limitação no acesso ao estudo, pois não conseguia pesquisar e estudar da melhor maneira, por quase um ano. Dessa forma, foi necessário o desenvolvimento de competências como a força de vontade e ir a pé às aulas e do compromisso de estudar, quando foi possível. Como salienta Coulon (2017): aprender o Ofício de Estudante.

Nesse capítulo, saliento o papel de adjuvantes que tiveram vários professores, pois ensinaram como a vida funcionavam e mostraram o caminho para ser alguém na vida. Os demais alunos dessa época também se enquadram como adjuvantes e grupo de referência, pois a troca de experiência permitiu um grande amadurecimento, que contribuiu para a motivação de todos a estudar e conseguir ascensão social.

A conclusão do curso e ter me tornado um Técnico de Informática foi mais uma sanção na minha vida. Nesse ponto, existiu um cumprimento de contrato, pois esta formação fez com que meus pais pensarem que estava me tornando alguém na vida.

Gaulejac (2004/2005) discute que por mais que o indivíduo esteja inserido num grupo comunitário que tende a reproduzir as práticas do grupo antecedente, por vezes a pessoa entra em contato com outros grupos que podem fornecer algum recurso de modificação, mesmo que o contato tenha sido por tempo limitado. Nesse contexto, a experiência enriquecedora com os docentes e demais discentes serviu para modificar meu comportamento e me direcionar à vida acadêmica.

Nesse sentido, os tempos tratados por Coulon (2017) puderam ser vistos em funcionamento. Isso porque, eu havia saído de um meio onde o comprometimento com os estudos não existia. Com isso, foi necessário que eu me separasse do antigo grupo social e mudasse para outro que valorizava o estudo. Assim, desenvolvi os símbolos e comportamentos do grupo que estudava no ambiente do curso técnico. Dessa forma, atravessei os tempos da estranheza, aprendizagem e afiliação.

Aqui também é possível salientar que o encantamento pelo bem estar proporcionado pelos estudos e a perspectiva de continuar a estudar numa universidade pública pode ser considerada como a *illusio* tratada por Bourdieu (2004). Nesse ponto, ainda observando os

tipos de relação ao saber dos alunos discutida por Charlot (2005), posso observar que minha postura no curso foi de um aluno “muito bem-sucedido na escola”. Isso pode ser observado na dedicação empregada e por ser um discente oriundo da classe popular, com isso praticar o hábito de estudar e o prazer proporcionado por esse comportamento, faz jus a tal classificação.

#### **4º ATO – GRADUAÇÃO E CHEGADA A PÓS-GRADUAÇÃO**

Como passei a entender como a universidade pública funcionava e como era a carreira acadêmica, passei a acreditar que era algo que se encaixaria ao meu perfil. Assim, passei a analisar os cursos que eram ofertados na UFPE, no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), em Caruaru, para avaliar em quais eu me encaixaria. Paralelamente, comecei a estudar para as seleções de ingresso. Foi nesse momento que comecei a gostar das ciências naturais, as quais não tive o prazer de estudar no ensino básico, pois não havia professores. Então, me decidi pela Química, pois comecei a ter um carinho especial quando estudei pela primeira vez. Assim, prestei o vestibular/ENEM no ano de 2011 para Química/Licenciatura conseguindo aprovação na primeira tentativa. Esse fato, deixou meus pais muito contentes, pois passaram a entender o que era a UFPE e quanto isso era importante.

Entretanto, a partir de 2012, quando comecei a estudar na UFPE, por um problema de saúde do meu pai, a situação financeira da família piorou significativamente. Além disso, eu estava cansado do meu trabalho de Agente de Endemias, o qual não oferecia perspectivas de realização profissional além da estabilidade no cargo. Então decidi me voltar para estudar para concursos públicos federais.

Nesse ponto, eu decidi usar todo o tempo disponível para estudar para concursos públicos, principalmente, e para o curso de Química da UFPE, suficientemente. Assim, os anos de 2013, 2014 e o começo de 2015 foram totalmente voltados a isso, quando fiz 27 concursos, conseguindo a aprovação no de Técnico de Informática da UFPE em 2015. Num primeiro momento, foi um tanto complicado, pois precisei ir trabalhar em Recife e manter o curso de Química em Caruaru, mas consegui um troca para Caruaru e voltei no fim de 2015. A partir daí foquei exclusivamente na conclusão do curso de Química.

Paralelamente, o trabalho como Técnico em Informática na UFPE me permitiu um acesso a um mundo totalmente diferente do que conheci, com contato frequente com pessoas de classe sociais mais altas. Esses eram eventos até pouco tempo que não passavam na imaginação, o que gerou certa estranheza por não ser o ambiente e o tipo de vida que eu estava acostumado ou mesmo que meus pais tiveram oportunidade de contato.

Na parte final da graduação, consegui participar de um grupo de pesquisa de Química Computacional, o qual me permitiu ter contato com as pesquisas acadêmicas de fato. Com isso, participei de congressos e me apaixonei pela área de pesquisa, a qual decidi que queria trilhar. Nesse momento, a professora que orientava no grupo de pesquisa foi bastante importante por mostrar como as pesquisas funcionavam e por toda a ajuda dada. Ela foi a minha orientadora no pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, o qual tirei 10, na apresentação e em 2019 conseguimos publicá-lo numa revista científica.

Em 2016, ainda com o curso em andamento, prestei concurso para professor de química do estado de Pernambuco. Dessa forma, consegui a aprovação para a cidade de Tacaimbó, que é vizinha de Belo Jardim. Entretanto, a nomeação só ocorreu em fevereiro de 2017 e, como não havia terminado o curso, pedi prorrogação, já que os seis meses que concederiam seriam suficiente para o último período do curso. Assim, o estado atendeu o pedido e a posse ficou marcado para Agosto de 2017.

Por fim, conclui a graduação em Julho de 2017. Essa conclusão gerou um grande orgulho na minha família, a qual considerava um feito imenso, visto que foi algo com o qual eles nunca sonharam.

Assim, fizeram questão de irem assistir a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso e da colação de grau, para finalmente me verem formado. Infelizmente, não pude me dedicar plenamente a vivência do curso durante todo o período, pois a metade do tempo tive que dividir o foco com o estudo para concurso. Isso porque houve o agravamento da situação financeira familiar que exigiu uma divisão do foco com o objetivo de minimizar os problemas e quando consegui resolver já estava no fim do curso.

Conseqüentemente, assumi o cargo de professor do estado de Pernambuco logo após o término da graduação e o desenvolvo desde então. Assim, a experiência de ensinar o que tanto gosto e compartilhar conhecimento com os discentes é algo que proporciona muito prazer. Portanto, tento realizar o trabalho com o máximo empenho para auxiliar os alunos a enxergarem o mundo através da ciência, o que teria sido algo muito importante para mim, caso eu tivesse tido acesso a essas aulas na educação básica.

Dessarte, decidi entrar no mestrado e me desenvolver enquanto pesquisador. Dessa vez, com o expectativa de poder me dedicar ao máximo, principalmente para contribuir com a ciência – coisa que tanto valorizo, atualmente. Assim, tentei a seleção do PPGECEM em 2018, mas fui reprovado. Isso porque, pelo o que entendi, não havia feito um bom projeto de pesquisa. Portanto, continuei me esforçando e participei da seleção no ano seguinte (2019), contudo me preparei bem dessa vez. Desse modo, estudei muito sobre o tempo que me propus a pesquisar, assim como em cada uma das várias etapas da seleção do programa pós graduação. Finalmente, consegui a aprovação e estou cursando o mestrado, atualmente.

*Comentário 05:* A aprovação em uma universidade pública também contribuiu para o objeto da minha vida, pois me garantiu a entrada num curso superior de boa qualidade. Contudo, surgiram como oponentes um problema de saúde do meu pai e deterioração da condição financeira da família. Essa realidade tornou bem complicada a vida na universidade. Portanto, a conclusão da graduação foi mais uma sanção na minha, pois conseguir esse título encheu meus pais de orgulho.

Aqui também é possível salientar o que Coulon (2017) trata como uma mudança vida do indivíduo universitário, já que os novos hábitos tendem a afastá-lo daqueles anteriores. Assim, a participação na universidade faz com que o indivíduo se modifique de maneira a qual ele necessita se relacionar com o mundo solitariamente e romper com muitos dos costumes que possuía.

O grande esforço feito para conquistar a aprovação no concurso público, pode ser referido como a performance da minha vida. Pois, foram anos de incerteza quanto ao futuro. Então, ao ser aprovado e me tornar servidor público federal, recebi a sanção de ascender socialmente e cumprir o contrato de me ser alguém na vida.

Nesse ponto, como destaca Gaulejac (2014) há o conflito entre o que o indivíduo era e o que passou a ser. Assim, ele tem certa dificuldade de deixar de ser classe que era, onde seus pais estão e acessar o cotidiano depois da ascensão social. O autor destaca que nesse momento não há classificações advindas das relações de parentesco, mas sim por pertencimento a determinado grupo.

O interesse pela ciência após me encantar com as atividades do grupo de pesquisa também se encaixa no conceito de *Illusio* tratado por Bourdieu (2004). Além disso, a ideia de um mestrado foi algo que nunca passou pela mente dos meus pais, quando eles me incentivavam

a estudar. Dessa forma, a conquista dessa ascensão social e de um nível acima da graduação é algo que supera totalmente as expectativas deles para mim e me dá acesso a um meio inédito para as demais pessoas da minha família.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta e transformação de uma aluno sobrevivente a escola em um professor de química que não teve aulas dessa disciplina no ensino básico e que alcançou o mestrado acadêmico se opõe a todas as probabilidades que se poderiam esperar de sua situação. Essa que teve seu início com o projeto parental traçado pelos pais analfabetos funcionais que objetivavam que ele conseguisse um emprego que lhe garantisse alguma estabilidade. Não obstante, o esforço para mantê-lo estudando, quando era comum crianças terem que auxiliar com trabalho no sustento da casa se tornou ponto decisivo para a construção da jornada. Assim, mesmo que Gustavo não tenha tido acesso a boa educação por ser pobre e frequentar escolas públicas precárias e não ter professores de ciências no ensino básico, conseguiu se tornar professor de química e chegar ao mestrado acadêmico. Nessa história, observamos a presença de todos os elementos traçados por Greimas (1986) em dois momentos específicos que serão registrados nos quadros 1 e 2, adaptação de Xypas (2019).

No de número 01, é observado o período de vida que vai até a aprovação no IFPE:

### Quadro 01: Figuras narrativas de Gustavo

<b>Destinador</b>	Pai e a mãe
<b>Destinatário</b>	Gustavo
<b>Objeto</b>	Ser alguém na vida através da
<b>Contrato</b>	Conseguir um emprego que pudesse me garantir certa estabilidade
<b>Oponentes</b>	Dificuldade financeira; Distância até escola e IFPE;
<b>Adjuvantes</b>	Pai e a mãe
<b>Competência</b>	Empenho nos estudos
<b>Performance</b>	Aprovação em concurso público municipal, aprovação no vestibular do IFPE,
<b>Sanção</b>	Servidor Público; o curso Técnico em Informática;.

**Fonte:** Elaborado pelo Autor (2020)

Nesse ponto, observa-se que os pais de Gustavo foram destinadores e adjuvantes nessa etapa de sua vida, pois criaram o objeto e o contrato para ele. Esse fato ocorrendo mesmo sendo analfabetos funcionais e não terem emprego fixo. Contudo, após derrotar oponentes como dificuldade financeira e a distância até os locais de estudo, Gustavo conseguiu se tornar servidor público municipal e ser aprovado para um curso técnico no IFPE. Esses eventos que culminaram nas sanções que proporcionaram situações que os pais dele não poderiam prever ao início. Em sequência, no quadro 02, contempla o período da vida que começa após a aprovação no curso técnico de informática do IFPE:

### Quadro 02: Figuras narrativas de Gustavo

(continua)

<b>Destinador</b>	Pai e mãe
-------------------	-----------

<b>Destinatário</b>	Gustavo
<b>Objeto</b>	Ser professor concursado
<b>Contrato</b>	Cursar universidade pública e se tornar professor
<b>Oponentes</b>	Dificuldade financeira e de conhecimento; Distância até escola/universidade; problemas de saúde na família.
<b>Adjuvantes</b>	Pai, mãe, IFPE e amigos do curso técnico
<b>Competência</b>	Desenvolvimento do Ofício de Estudante

(continuação)

<b>Performance</b>	Superação das dificuldades financeiras, das distâncias físicas até o IFPE e a UFPE, aprovação no concurso de professor.
<b>Sanção</b>	Se tornar professor; Graduado em Química Licenciatura; Mestrado em Educação em Ciências e Matemática.

**Fonte:** Elaborado pelo Autor (2020)

Nessa época da vida de Gustavo, além dos pais, o IFPE e os demais alunos do curso técnico informática serviram como adjuvantes para o novo caminho que ele trilhou. Como seus pais desconheciam a existência das universidades públicas, o caminho de ter uma graduação e que logo se tornou por paixão pela química foi algo inimaginável para o projeto parental. Nesse período, a falta de dinheiro se agravou e muito esforço precisou ser realizado. Com isso, aprender o Ofício de estudante auxiliou na graduação, na aprovação no concurso público federal, no de professor de química e no mestrado em educação em ciências e matemática. Assim, essas sanções se mostram como objeto e contrato cumprido.

Portanto é possível concluir que a paixão pela química de um indivíduo que não teve aula dessa disciplina no ensino básico nasceu com o auxílio de diversos adjuvantes. Esses podem ser identificados primeiramente como os pais que além de terem projetado a expectativa de que Gustavo pudesse se tornar alguém na vida, garantiram que ele continuasse os estudos. Além disso, os professores e alunos do curso técnico em informática e a professora da graduação que aceitou no grupo de pesquisa também se enquadram como adjuvantes pela contribuição no seu processo de formação. Entretanto, diversos oponentes apareceram como a falta de estrutura no ensino básico, problemas financeiros e distância até os locais de ensino complicaram seu percurso até a ascensão social. Paralelamente, foi necessário que ele desenvolvesse novas competências e performance para conseguir vencer os obstáculos, isso foi visto no comprometimento com os estudos e na aprendizagem do ofício de estudante. Dessa forma, ele foi capaz de conseguir como sanção a aprovação no concurso de professor de Química, além de se formar como técnico em informática e licenciado em química. Assim, ultrapassando qualquer perspectiva do seu *habitus* e chegando ao mestrado.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia cçínica do campo científico**. Editora UNESP. São Paulo. 2004.

BOURDIEU, P; PASSERON, J.. **Os herdeiros: Os estudantes e a cultura**. Editora UFSC. 1ª Edição. Santa Catarina, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Relação Com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Editora: Artmed, 2005.

COULON, A. **O ofício do estudante: a entrada na vida universitária**. Educação Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 44, p. 1239-1250, out./dez. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. 17ª Edição. Rio de Janeiro. 1987

GAULEJAC, VINCENT DE. **A Neurose de Classe: Trajetória Social e Conflitos de Identidade**. 1ª Ed. São Paulo. Via Lettera, 2014.

GAULEJAC, VINCENT DE. **O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito**. Cronos, Natal-RN, v. 5/6, n. 1/2, p. 59-77, jan./dez. 2004/2005.

GREIMAS, A. J. (1986). **Sémantique structurale**. Paris: PUF, 2007.

XYPAS, C. **Êxito escolar e ascensão social de pessoas de origem popular: narrativas, estudos de caso e aportes teóricos-metodológicos**. Paco Editorial. São Paulo. 2019.

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Trabalho orientado pelo professor Constantin Xypas o qual faz parte do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.